

## **O INSTANTE E A VERTICALIDADE: Uma investigação entre Kierkegaard e Bachelard**

*Gabriel Kafure da Rocha<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo pretende fazer uma investigação a respeito do conceito de instante em ambos os filósofos. Bachelard foi um leitor de Kierkegaard, apesar de citá-lo poucas vezes, em suas referências geralmente valorizava o caráter poético kierkegaardiano. Entretanto, o conceito de instante bachelardiano, apesar de não ser diretamente inspirado em Kierkegaard, pode ter uma relação entre existência, metafísica e ciência, fértil em sentido de inovar essa conceituação de difícil captação por sua inerente transitoriedade instantânea.

**PALAVRAS CHAVE:** Momento; Nada; Paradoxo.

**RÉSUMÉ:** Cet article vise à la recherche sur la notion de temps dans les deux philosophes. Bachelard était un joueur de Kierkegaard, malgré citant peu fois dans ses références, généralement par une valeur caractère poétique kierkegaardien. Cependant, le concept de bachelardien de L'instant, ne pas directement inspiré par Kierkegaard, peut avoir une relation entre la vie, la métaphysique et la science de manière fertile à innover ce concept difficile à saisir en raison de sa fugacité inhérente l'instantané.

**MOTS-CLES:** Moment; Rien; Paradox.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Partindo da hipótese de que assim como Kierkegaard utilizava da estratégia de escrever obras estéticas para lançar o leitor ao estádio religioso, Bachelard pode também ter escrito obras poéticas para lançar o leitor para a epistemologia? Tal finalidade, ao nosso ver, pode ter como implicação que essas dualidades resultam numa dialética negativa entre ciência e religião, e talvez o único ponto de síntese entre esses campos possa ser o instante.

Ao mesmo tempo, sabe-se também que tais aproximações e distanciamentos não se esgotam, principalmente pelo fato de Bachelard ter citado

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela UFRN e Professor de Filosofia do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, e-mail: gkafure@gmail.com

Kierkegaard em algumas de suas obras se referindo a temas bem diversos do próprio instante. Tais como,

Estamos no centro de uma ambivalência retorcida e atada; dito de outra maneira, o nó é uma dessas "realidades ambíguas" que Kierkegaard gosta de equilibrar. Vamos, com humor, seguindo a orientação imaginária, de acordo com a tonalização da vontade, de uma qualidade ou um defeito, com uma força de apoio ou uma interrupção do impulso. (Bachelard, 1948, p. 67).

Nesse sentido, busca-se essa vontade de desatar o nó do instante. Ressalta-se também que tal pesquisa foi pouco empreendida até então, pode-se talvez citar um antigo artigo de Maryvonne Perrot do qual não houve acesso por ser raro, mas que recentemente foi ressaltado em um artigo afirmando que para Bachelard,

Kierkegaard, além de nunca lhe ter sido estranho, não raro aparece como uma referência importante para se desenvolver algumas das ideias mais marcantes de sua filosofia. Um exemplo disso é o tema do artigo "De L'instant kierkegaardien a l'instant bachelardien", no qual Maryvonne Perrot (1984) procura analisar, apesar das inegáveis diferenças entre as duas doutrinas, uma convergência relevante entre Kierkegaard e Bachelard, especialmente no tocante a "vocação de invenção" que ambos reconhecem ao instante. (ALMEIDA, 2016, p. 121).

Assim, a perspectiva da descontinuidade será tomada na medida em que o instante propicia uma condição para saltar<sup>2</sup> entre o pensamento de Kierkegaard e Bachelard.

## **O INSTANTE EM KIERKEGAARD**

Mas não é menos verdade que a frase dicotômica "Ou - ou" de Kierkegaard é a base da atividade matemática como de qualquer atividade. (Bachelard, 1969, p. 176).

Por meio desse hiato temporal do *Ou-ou*, que não pode ser eliminado da possibilidade da auto-consciência, constatando que no trajeto biográfico de

---

<sup>2</sup> "Por breve que seja [esse momento] - não se necessita que seja mais cumprido - não teria que se ter em conta esse pequeno instante, visto que é um salto. Por pequeno que seja esse momento, ainda que fosse no mesmo agora, este mesmo agora teria que ser tomado em conta." (Kierkegaard, 2007, 56).

Kierkegaard houve uma ocupação intelectual na qual criou-se fascículos de uma revista chamada *O instante*. Contudo, em tal publicação o filósofo dinamarquês não se dedicou a destacar os aspectos mais metafísicos desse conceito, não indo além do instante cristão e a ocasião socrática. Na verdade, *O instante* foi um movimento filosófico iniciado em 24 de Maio de 1855, ou seja, já perto da sua morte, em que Kierkegaard buscou divulgar a liberdade de expressão na Dinamarca da época.

O que quer dizer o *Instante*? Nós diríamos que talvez, em nossa língua moderna, o momento da verdade, o momento em que é afirmado a exigência total da verdade. Uma verdade que leva para as ruas. A palavra de Kierkegaard, desdenhando as elites intelectuais e religiosas, atende a todos os cantos da população para denunciar a impostura triunfante; é uma palavra de ação, visando a eficácia todos os meios. Nós nunca gritamos alto o suficiente para acordar os surdos para abrir os olhos dos cegos. (Gusdorf, 1963, p. 67).

As obras que tratam de maneira mais veemente do instante são *As migalhas filosóficas* e *O conceito de Angústia*. O instante, nessas obras, se torna decisivo na sua relação dialética com a eternidade e não simplesmente com o tempo. É no instante que se dá o aprendizado, na consciência de buscar o conhecimento.

A palavra "instante" (*Øieblik*) também está relacionada a ideia do 'piscar de olhos' em que a verdade se revela. Kangas alerta que

[...] nos textos mais tardios, o repentino (*det Pludselige*) é outro nome para o que Kierkegaard chama "O instante" [...]. O repentino no instante da transição, é a diferença que recai entre Ser e Não-ser. O repentino traduz a diferença ontológica como temporalmente diacrônica (o vazio entre algo presente e um outro). (Kangas, 2007, p. 31)

Um instante eticamente decisivo<sup>3</sup>, visto que a personalidade não pode ser interrompida, é sempre uma escolha que implica em uma possibilidade de

---

<sup>3</sup> "Na eticidade substancial a virtude está a cada instante limitada, na eticidade da idealidade a virtude se sabe integrada na infinitude do bem, sabe-se naquela infinitude em que o bem se conhece" (Kierkegaard, 1991, p. 207). Tal afirmação, numa das últimas notas do conceito de Ironia busca afirmar que a relação do indivíduo com o mundo não consiste em um simples momento da personalidade, é uma relação que deve ser ética na medida em que o mundo consiste em que a cada instante com relação a apreensão e

duração. O instante é um conceito ligado a ocasião, acontecimentos. "É produzido pela relação entre a decisão eterna com a ocasião que é desigual." (Kierkegaard, 2007, p. 41).

É aí que entra o paradoxo do instante, em que a noção fundamental sobre a decisão se desdobra na relação com a eternidade, desse modo, o instante, pode-se dizer, é propriamente uma das faces do salto kierkegaardiano. Ou seja, é a percepção que na dialética dualista entre corpo e alma, o espírito e consequentemente a existência enquanto coletividade, saltam dialeticamente no domínio da liberdade. Essa novidade é dificultosa, visto que

Chamamos de instante, [o que] designa Platão por 'to exaiphnés'<sup>4</sup>. Seja qual for a chave etimológica, sempre estará em relação com a categoria invisível porque o tempo e a eternidade são concebidos de maneira abstrata pelo grego, que necessita do conceito temporal por carecer do conceito de espírito (Kierkegaard apud Reichmann, 1981, p. 83).

Kierkegaard procura insistir que o instante não é uma categoria temporal, mas sim uma eliminação abstrata entre o passado e o futuro, mas também não significa o presente, visto que a característica do tempo é ir passando, ao passo que o instante se eterniza.

O instante é exíguo, um átomo da eternidade enquanto primeiro reflexo de suspensão do próprio tempo. A natureza se radica no instante já que o tempo não conta para ela.

A relação do instante com o futuro e a eternidade passa então para uma coincidência com o próprio passado, por meio da repetição, que deve ser compreendida não como a volta do anterior, mas também a possibilidade de repetir a novidade. Um eterno retorno do novo, aos moldes deleuzianos.

---

compreensão da totalidade conhecida, e essa é uma relação que exige uma postura de aprendiz em eternos recomeços.

<sup>4</sup> ἐξαίφνης – Pode ser interpretado como o "de repente" que mostra o sentido do revelado no instante. 'Ec' é o que traz de fora e 'phaines' é a 'condução de', logo é um acontecimento de uma linearidade que irrompe, que é trazido para fora conduzido, guiado na coletividade do espírito ou logos. Ele é atemporal no sentido de que é o próprio salto do tempo, mas para isso é necessário um vazio. Também pode ser lido como ἐξαιφ 'excepcional' e νης 'imagem ou tela' não refletida, excepcional que reformula o ser além dos limites que recortam a fugacidade do tempo. A ruptura se dá justamente pela aceleração do tempo quantitativo somado a ruptura enquanto salto qualitativo. Este conceito foi originalmente encontrado no diálogo *Parmênides* de Platão.

Um paradoxo: a repetição de algo novo. Repetição designa constância: encarar o que se é ou pode ser continuamente. É uma proposta radical de vida proposta por SK, assumir a si mesmo a cada instante. Não é fácil assumir as falhas, os instantes de dor, morte e fracasso. Mas essa é a vida que vale a pena viver.

Nesse sentido, a importância do instante para Kierkegaard é justamente projetar o eterno no futuro por meio da repetição. O possível do eterno é o próprio futuro, contudo se não há essa consciência e se o indivíduo pretende viver somente no instante, então ele viverá somente o pecado.

Ernani Reichmann, um dos ou quiçá o primeiro comentador de Kierkegaard no Brasil, ao dedicar um livro sobre *o Instante* em Kierkegaard e Nietzsche, principalmente, traz ainda uma reflexão importante ao conceituar a diferença entre o instante nos estádios estético, ético e religioso. Segue-se suas pontuações: "1ª - Eleger um objeto é uma eleição estética, o que implica em dizer-se que no instante estético há um objeto de eleição; 2ª - No instante ético o que se elege é a própria personalidade" (Reichmann, 1981, p. 94)

O que o comentador quer dizer é que enquanto na estética o instante se manifesta como a busca do gozo, que relativiza a própria identidade da pessoa, no instante ético a escolha assume uma existência verdadeira que tem consequências não só com o futuro, mas com o nosso próprio passado gerando possivelmente uma ruptura.

Ainda nesse sentido conceitual da relação entre o instante e os estádios, é necessária uma reflexão sempre que diferencie o instante estético do instante eterno e religioso. E nisso, o verdadeiro sentido religioso do instante só pode ser o da salvação, como compreensão da própria eternidade do espírito.

## **O INSTANTE EM BACHELARD**

Isso vai tornar-se um paradoxo [...] É necessário que o mundo se divirta, que os pais e as crianças tenham suas horas de relaxamento, mas a fantasia não é qualquer coisa. Quando um filósofo como Kierkegaard disse que o mundo começa com o fantástico, ele disse uma palavra que é fácil de desmascarar. Mas o homem deve, a cada dia, ter esse poder do fantástico. Onde ele o encontra? (Bachelard, 1970, p. 175).

Gaston Bachelard, em seu livro chamado *A intuição do Instante*, publicado originalmente em 1932, escreveu dois capítulos substanciais que podem enriquecer e/ou complementar a discussão do instante entre estes dois filósofos, Kierkegaard e Bachelard. O primeiro capítulo, se chama propriamente *O instante* e o segundo, que é na verdade um anexo do livro, se chama *Instante poético e instante metafísico* onde se manifesta a dimensão da criação e recriação poética.

Primeiramente, é impossível falar de Bachelard nesse contexto do instante, sem falar de sua principal inspiração no tema, que assim como Hume despertou Kant do sono dogmático<sup>5</sup>, é possível dizer que Gaston Roupnel despertou Bachelard do bergsonismo da época, por meio da ideia de que a única realidade do tempo é a do *instante*. Nesse sentido, o tempo se torna uma reflexão fundamental de qualquer metafísica e a meditação do instante é a própria consciência (que nesse caso não precisa ser entendida como uma intencionalidade). O instante é a consciência que se revela nas suas fugidia manifestação entre o ser e pensar, na verdade,

A consciência é consciência do instante, e a consciência do instante é consciência - duas fórmulas tão vizinhas que nos colocam na mais próxima das recíprocas e afirmam uma assimilação da consciência pura e da realidade temporal. (Bachelard, 2007, p. 52).

Contudo, o instante também revela uma ruptura do ser, ou seja, sua própria descontinuidade. Bachelard procurou demonstrar que o instante não é um simples corte do tempo ou uma abstração esquemática de eternos recomeços.

Para Bachelard, é a poesia que representa essa simultaneidade entre as visões do universo, amar, ser e objeto.

As simultaneidades acumuladas são simultaneidades ordenadas. Elas conferem uma dimensão ao instante, porque lhe dão uma ordem interna. Ora, o tempo é uma ordem, e nada mais do que uma ordem. E toda ordem é um tempo. A ordem das ambivalências no instante é, portanto, um tempo. E é esse tempo vertical que o poeta descobre quando recusa o tempo horizontal, ou seja, o devir dos outros, o devir da vida, o devir do mundo." (Bachelard, 2007, p. 102).

---

<sup>5</sup> "Despertamos de nossos sonhos dormáticos pela crítica eisteiniana da duração objetiva. Bem depressa nos pareceu evidente que essa crítica destruiu o absoluto daquilo que dura, ao mesmo tempo em que conservava, como veremos, o absoluto daquilo que é - vale dizer, o absoluto do instante" (Bachelard, 2007, p. 32).

A horizontalidade de desfaz na auto sincronia do instante de uma poética de uma lamentação risonha, que é, para Bachelard, semelhante ao tempo em que o dia amanhece e o entardecer anoitece. Ou seja, há nessas imagens uma relação de desmaterialização poética do instante.

Outra prova de que a causalidade formal se desenrola no bojo do instante, no sentido de um tempo vertical, enquanto a causalidade eficiente se desenrola na vida e nas coisas, horizontalmente, agrupando instante de intensidades variadas. (Bachelard, 2007, p. 105).

É talvez justamente esse tipo de metafísica que dê conta do movimento da vida e da realidade. Bachelard noturno, da poética, diz que a noite se aproxima do infinito enquanto ameaça da eternidade, colocando a noite e a luz como paradoxais instantes imóveis, escuros e claros, alegres ou tristes. "A poesia torna-se, assim, um instante da causa formal, um instante da potência pessoal." (Bachelard, 2007, p. 107), o instante como atualização do valor do ser.

Nesse instante, o ser sobe e desce sem aceitar o tempo do mundo. A cronologia é um tempo de outro tempo que não mede a interioridade da duração. O instante poético é complexo, sua perspectiva metafísica é descontínua com o tempo horizontal.

A poesia é um instante indescritível e verticalizante, bastando-lhe um simples "movimento da alma" para surgir na consciência em sua pureza e primitividade. Em se tratando de um poema, é preciso considerar-se a horizontalidade encadeante das ideias e outras implicações culturais. Eis porque Gaston Bachelard optou pela imagem isoladamente. (Ferreira, 2013, p. 152)

Os devaneios podem ser entendidos também como instantes verticalizantes, em que as memórias trazem para o presente o inefável como uma espera (possibilidade). E que nessa conduta adiada, é que as memórias amorosamente ansiadas na assimetria e irregularidade da própria história individual, são pensadas como a história do homem e da vida pela pressuposição da necessidade de uma reflexão metafísica do tempo. Nisso, o esquecimento

bachelardiano se propõe a ser uma memória entreaberta, ou servir à esta, pois o que importa é o futuro e o presente, nunca o passado.<sup>6</sup>

Esta ruptura decisiva do curso do tempo abre a única dimensão de transcendência da ontologia bachelardiana, a "verticalidade" (a perpendicularidade para com a duração concreta), vazio de ser mais do que não-ser, onde se engendra *ex nihilo* todo o devir criador. (Quillet, 1977, p. 49)

O tempo é acúmulo de instantes decisivos. A decisão é estrutura do tempo, a vida são sucessões de tempos ordenados verticalmente, horizontalmente afinados e unificados no desempenho e no trabalho, unidade da ação. O espírito é o mestre dessa harmonia dialética. Já o poeta, é o mestre do instante perfeito, visto que ele vai orquestrando a miríade caleidoscópica dos instantes. É como a irupção inesperada da explosão de um vulcão, quando surge algo que não pertence ao domínio das significações, contendo uma contradição estética.

Essa tomada de posição vigorosa é tanto mais notável quanto a inspiração de Bachelard é perfeitamente estrangeira à filosofia da existência: a decisão não tem nada a ver, a não ser por coincidência, com o 'instante' kierkegaardiano, ela apresenta no universo psíquico um acontecimento microfísico que libera um *quantum* de ação. (Quillet, 1977, p. 51)

Nesse instante o ser sobe e desce sem aceitar o tempo do mundo. A cronologia é um tempo de outro tempo que não mede a interioridade da duração. O instante poético é complexo, sua perspectiva metafísica é descontínua com o tempo horizontal e por isso ele é uma irupção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância então da construção da presente investigação foi a busca de esclarecer como o agora é o instante presente entre dois nadas<sup>7</sup>; o passado e o futuro. Esses dois nadas que também podem ser entendidos a partir das palavras gregas *Kaos* e *Kenon*; são interpretados respectivamente, na primeira delas,

<sup>6</sup> "Bachelard concebe que uma conduta adiada, nadificadora, poderá também dar intensidade à própria memória e à nossa própria pessoa. Veremos que é contra um "ser em si do passado" (MACHADO, 2016, p. 112).

<sup>7</sup> "Entre os dois nadas, ontem e amanhã, não há simetria" (Bachelard, 2007, p. 55)

como a relação entre construção da condição que contém a matéria, em seus atritos e tensões geradores. Já a segunda, é uma espécie da descontinuidade da desordenação, nos seus movimentos de preenchimento e esvaziamento. Assim, o instante se põe como esse acontecimento repentino que é condição da multiplicidade do próprio conceito que se essencializa nos devires do conhecimento.

Bacon já observava que 'nada é mais vasto que as coisas vazias'. Inspirando-nos nessas fórmulas, podemos dizer - sem deformar, queremos crer, o pensamento de Roupnel – ‘Somente o nada é realmente contínuo’ (Bachelard, 2007, p. 42).

Consolidar esta interpretação do psicologismo temporal do instante bachelardiano por meio de uma aproximação com Kierkegaard foi uma forma de "dobra" de cada indivíduo ao seu modo filosófico. Enfim, foi importante ter um pouco do racionalismo elogiado por Bachelard, ou seja, um pouco de imprudência e turbulência de reflexão e um pouco de risco, como diria Kierkegaard, visto que a própria filosofia destes pensadores está aberta para essas "apostas". acreditar na própria poesia, contudo, como Bachelard comenta, é o que Kierkegaard, provavelmente, apesar de toda dicotomia com o poético, preferiu entender como a necessidade de reminiscência ou memória, ou seja,

O poeta irônico vive o instante, mas esse instante não tem um pano de fundo. Logo, ele está o tempo todo se transsubstanciando, de modo que ele não sabe quem é, pois vive procurando conhecer o outro. (Rocha, 2016 p. 156).

Esse caminho do outro pode ser entendido justamente como a relevância de uma nova leitura do instante no estágio estético, em que Kierkegaard demonstrava que a necessidade do gozo era um plano de relação de alteridade do *instante*. Já no plano ético, talvez seja onde emergiu o trabalho como decisão da personalidade que precisa romper com o passado para edificar o futuro. Pode-se dizer que nesse plano, a poética ainda se faz presente, ainda que metaforicamente, há nos momentos finais do texto *Os lírios do campo e aves do céu*, o que Bachelard relembra como " nas últimas linhas de seu autocomentário, [que Kierkegaard] sentiu que a dinâmica dos lírios do campo e dos pássaros do céu é superior à da angústia fundamental" (Bachelard, 1988, p. 83 – grifos meus).

Lendo as páginas finais de Kierkegaard nesse livro, encontra-se o que parece ser uma reminiscência da alegria de meditar num paraíso, que para Bachelard, era numa imagem, a representação de uma biblioteca divina. Pois bem, nas palavras de Kierkegaard, “O pássaro e o lírio vivem somente um dia, dia muito curto e não obstante, de alegria - porque como já explicamos então - verdadeiramente no dia é que são atuais a si mesmos.” (Kierkegaard, 1963, p. 276).<sup>8</sup>

De tal modo que fica a imagem da liberdade e de alegria, como algo mais importante nessa relação do instante de um Kierkegaard diurno.

A liberdade é determinada pelo modo de ser de cada um e, por isso, pode ser vista como uma tarefa de cada indivíduo na sua construção de si e ao mesmo tempo no instante em que se torna um si mesmo continuamente. (Rocha, 2016, p. 21).

Há continuamente a tensão diacrônica entre *Kairos* ou *Chronos*, e a escolha da disjunção em que o divino e o cotidiano nos dão instantes da diferença. Assim, é com as próprias palavras de Kierkegaard, nos anos finais de sua vida, quando escreve *O Instante* em sua primeira edição, demonstrando considerações relevantes que se finaliza a presente reflexão,

Eu o chamo: O Instante. Contudo, não é algo de efêmero o que quero, tão pouco como era efêmero o que quis até agora; não, foi e é algo de eterno: pelos ideais, contra as ilusões. [...] Agora, ao contrário, tenho de me assegurar por todos os meios uma possibilidade de ser capaz de utilizar o instante. (Kierkegaard, 2013, p. 168)

Enfim, ao pontuar que essas são pequenas reflexões sobre as vertentes da filosofia desses grandes pensadores foi possível dizer que de fato, tanto Bachelard quanto Kierkegaard, têm uma dialética negativa, em que ou as sínteses não ocorrem por conta de repetição da descontinuidade entre tempos, nada, etc. Ou, entretanto, o dualismo e o vazio preenchido entre suas tensões produzem uma simultaneidade em que o instante, numa súbita vinda à aparência, significaria

---

<sup>8</sup> Nas perspectivas interpretativas de tal livro, o pássaros representam o professor atemporal, que está entre o pagão que não tem tempo e o cristão que vive a eternidade. A importância da reminiscência está no fato de que “O homem pode – ao contrário de Deus – esquecer-se do lírio e do pássaro, mas não deve proceder dessa forma.” (GIMENES, 2009, p. 100), visto que o lírio é a beleza da natureza em que até Salomão teria vestes que valeriam menos que tal beleza.

assim, a maneira pela qual o presente surge a partir da proximidade de um modo indeterminado, imprevisto e impensável do próprio fenômeno.

De fato, o fenômeno decisivo para Kierkegaard será daqueles que obedecem a uma temporalidade descontínua e súbita. As descontinuidades do tempo (isto é, diacrônias temporais) se referirão a uma origem que já sempre desapareceu e que, portanto, é irrecuperável, ou a uma que se encerra dentro de um futuro que não pode ser antecipado. (Kanga, 2007, p. 32)

De fato, a presente reflexão sobre o instante em sua descontinuidade entre os filósofos levou a perceber que o preenchimento dos vazios do próprio conceito<sup>9</sup> pode ser visto como uma manifestação do instante, na medida em que seu devir é a própria relação entre ser e não ser e por isso, de repente, é a própria possibilidade da filosofia passar do ser ao não ser. Para concluir então, é possível que a resposta da pergunta sobre o instante ser a ocasião de um salto para a religião e/ou a ciência seja a de que tais dimensões sejam também a potencialidades de queda ou ascensão humana, dependendo da autenticidade das posições assumidas perante o devir da existência, do mundo e de como a humanidade se relaciona com tais instâncias.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **La terre et les rêveries de la volonté**. Paris: Librairie José Corti, 1948

\_\_\_\_\_. **Essai sur la connaissance approchée**. Troisième édition Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1969.

\_\_\_\_\_. **Le droit de rêver**. Paris: Les Presses universitaires de France, 1re édition, 1970.

---

<sup>9</sup> “Não porque eles são bem compreendidos, mas porque conceitos, de modo desconcertante, são o resultado de quando chamados, por exemplo, de agora [presentes], e é muito bom, como quando se tem tentado mostrá-lo, [o conceito], <na realidade>” (VERGOTE, 1982, p. 362 – grifos meus).

\_\_\_\_\_. **Fragments d'une Poétique du Feu.** Établissement du texte, avant-propos et notes par Suzanne Bachelard. Paris: Les Presses universitaires de France, 1re édition, 1988,

\_\_\_\_\_. **A intuição do Instante.** Trad. Antonio Padua Danesi. Campinas, SP, Verus Editora, 2007.

FERREIRA, Agripa. **Dicionário de Imagens, Símbolos, Mitos, Termos e Conceitos bachelardianos.** Londrina, Eduel, 2013.

GIMENES, Márcio. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard.** São Paulo: Paulus, 2009.

GUSDORF, George. **Kierkegaard.** Présentation, choix ce textes, bibliographie par Georges Gusdorf. Traduction par P.H. Tisseau. Paris: Les Éditions Seghers, 1963

KANGAS, David. **Kierkegaard's Instant: On Beginnings.** Indianapolis: Idiana University Press, 2007.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Los lírios do campo y las aves del cielo - três Discursos Edificantes.** Trad. Demetrio Rivero. Madrid. Ediciones Guadarrama, 1963.

\_\_\_\_\_. **O conceito de Ironia** – constantemente referido a Sócrates. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Migajas filosóficas** - o un poco de filosofia. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

\_\_\_\_\_. Øieblikket, Nr. 1-10, **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea Brasília**, nº 1, ano 1, 2013.

MACHADO, Fernando. Duração e memória: a crítica de Gaston Bachelard ao psicologismo temporal bergsoniano. **Kínesis**, Vol. VIII, nº 18, Dezembro 2016, p.109-125

QUILLET, Pierre. **Introdução ao Pensamento de Bachelard**. Trad. César Augusto Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editorias, 1977.

REICHMANN, Ernani. **O instante**. Curitiba: Ed. UFPR, 1981.

ROCHA, Gabriel. **A ética da Liberdade em Kierkegaard**: Uma contraposição entre as teses do Juiz Wilhelm e Johannes Sedutor. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

VERGOTE, Henri-Bernard. **Sens et Répétition** – Essai sur l'ironie kierkegaardienne. Tome 1. Paris: Cerf/Orante, 1982.